

## **CRIATIVIDADE NA VISÃO DE PROFESSORES: DEFINIÇÃO E USO NA PRÁTICA PROFISSIONAL**

Creativity in the teacher's view: definition and use in professional practice

**NAKANO, Tatiana de Cássia**

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

**Resumo:** A criatividade tem apresentado historicamente uma grande diversidade de definições. Investigar a concepção que os professores possuem acerca dessa característica se torna importante, dado o fato de que a literatura científica têm apontado a importância desses profissionais para o desenvolvimento da criatividade na escola. Assim 20 professores, 10 de escola pública da cidade de João Pessoa / PB (8F e 2M) e 10 da cidade de Campinas / SP (6F e 4M) responderam a um questionário aberto contendo três perguntas que buscavam investigar como esses definem a criatividade, se consideram-se criativos na vida pessoal e se utilizam a criatividade na sala de aula. Os resultados indicaram que a maior parte dos professores avaliou-se como criativo na vida pessoal e profissional (80%), afirmando que fazem uso da criatividade na sala de aula por meio do uso de várias estratégias criativas. Entretanto, para estes profissionais esta característica está relacionada à idéia de inovação e capacidade de criar algo novo, concordando com a visão do senso comum, demonstrando o desconhecimento acerca do construto. Estes resultados mostram-se preocupantes na medida em que parecem indicar que, embora se considerem criativos, provavelmente contribuem pouco para o estímulo à criatividade de seus alunos, dado o desconhecimento da definição do conceito e formas de estimulação em sala de aula.

**Palavras chave:** Criatividade; Professor; Ensino.

**Abstract:** Creativity has historically presented a high number of definitions. To investigate the concept that teachers have about this characteristic becomes important given the fact that the scientific literature has shown the importance of these professionals for the development of creativity in school. The sample was

composed by 20 teachers, 10 from public school in the Joao Pessoa / PB city (2M and 8F) and 10 from Campinas / SP (6F and 4M). Participants answered a questionnaire containing three open questions that sought to investigate how these define creativity, if consider themselves creative in life and if they use the creativity in the classroom. The results indicated that most teachers (80%) rated themselves as creative in their personal and professional area. They said that use the creativity in the classroom through the use of various creative strategies. However, for these professionals this characteristic is related to the idea of innovation and ability to create something new, agreeing with the common sense view, demonstrating the lack of knowledge about the construct. These results are worrying if we consider that the teachers rating themselves as creative, but do little to stimulate the creativity of their students as they have not know the definition of the concept and its forms of stimulation in the classroom.

**Keywords:** Creativity; Teacher; Education.

## INTRODUÇÃO

O estudo da criatividade tem despertado um interesse crescente por parte de psicólogos e educadores, que vêm desenvolvendo pesquisas a respeito das diferentes facetas compreendidas neste construto, tais como o processo, o produto, a pessoas e as condições ambientais que favorecem a expressão e desenvolvimento da criatividade.

Em relação ao quarto componente, as condições ambientais, destaque tem sido dado à influência que o contexto social exerce sobre esta característica, principalmente se considerarmos que “ambientes cheios de normas e pressão ao conformismo atuam como inibitórios à criatividade na medida em que estimulam certos comportamentos e bloqueiam outros” (CROPLEY, 1999, p.636). Por esse motivo a literatura tem reconhecido a importância que o ambiente exerce sobre a criatividade, justificando a necessidade de que esse construto seja estudado sem se perder de vista a sociedade na qual o indivíduo está inserido, dado o fato de que este ambiente pode influenciar de diversas

maneiras, seja atuando como estimulador, recompensador, repressor ou punidor (AMABILE, 1983).

Nesse sentido, pesquisadores de diversos países vêm apontando para a necessidade de se promover condições favoráveis à expressão criadora a fim de que o potencial criativo, presente em cada indivíduo, possa se desenvolver de forma mais adequada (FLEITH & ALENCAR, 1992). Nesse sentido, diversas pesquisas têm apontado que o indivíduo pode se tornar criativo em função de uma série de influências, sem que se torne possível determinar todas as possibilidades, embora, de acordo com Nakano (2009), muitos estudos e pesquisas venham enfatizando a escola como um dos elementos que pode estar agindo nesse sentido, de forma a evidenciar sua condição de facilitadora da criatividade.

Apesar do reconhecimento de que o ambiente educacional tem um papel importante no desenvolvimento da expressão criativa dos alunos, de acordo com Fleith e Alencar (2005), poucas tentativas têm sido feitas para se avaliar a extensão em que a criatividade tem sido estimulada ou inibida neste contexto. Considerando a escola como um ambiente em que crianças e adolescentes freqüentam diariamente durante anos e a influência que os professores exercem nesse processo educativo, não podemos deixar de ressaltar o papel fundamental que estes acabam exercendo no desenvolvimento dos jovens (ALENCAR, 2002). Entretanto, esse estímulo somente será implementado se esse profissional estiver consciente e preparado para prover oportunidades que possibilitem o desenvolvimento de habilidades criativas, principalmente através de uma prática que não valorize a ênfase excessiva à memorização, ao conformismo e à passividade discente, embora, na prática, a situação se mostre diferente. A discrepância entre o que é defendido como desejável e o que é valorizado verdadeiramente na escola aponta para um quadro na qual “tudo isso é algo muito alardeado da boca para fora, mas rigorosamente punido em todos os níveis de nossas estruturas educativas” (MARTINEZ, 1994, p.73).

Por esta razão, a escola estaria muito pouco habilitada a desenvolver o pensamento criativo dos alunos, uma vez que esse tipo de habilidade envolve características indesejáveis, tais como divergir do que é comum e tradicional,

arriscar, experimentar novas idéias e utilizar também a intuição (ALENCAR, 1995). Ao contrário, nota-se a valorização de estudantes obedientes, conformistas e sociáveis, em detrimento daqueles que são questionadores, independentes e intuitivos, de maneira a apontar que comportamentos que caracterizam o indivíduo criativo não são valorizados na sala de aula, sendo, na maior parte das vezes, indesejados ou punidos (WECHSLER, 1998). Entretanto, a culpa pela repressão à criatividade não pode ser somente lançada ao professor. Ele próprio vem de um sistema educacional onde também teve a sua própria criatividade reprimida, aliado ao fato de que os processos de formação docente tendem, na maior parte das vezes, a preparar esse profissional para lidar com o “aluno padrão”, o “aluno obediente” e o “aluno passivo” (ALENCAR & RODRIGUES, 1978). Dessa maneira podemos compreender as dificuldades do professor ao se deparar com alunos bastante criativos ou ao se conscientizar das suas próprias barreiras que impedem a expressão da sua criatividade.

Neste sentido, muitos estudos têm sido conduzidos com o objetivo de desenvolver as habilidades criativas dos indivíduos e de instrumentar professores para que estes se tornem mais efetivos no estabelecimento de condições favoráveis à criatividade na sala de aula. Segundo levantamento realizado por Fleith e Alencar (1992), a grande maioria destes estudos foi realizado nos Estados Unidos, onde ocorreu uma verdadeira revolução nos objetivos e métodos da educação em direção a um espaço maior para o amplo desenvolvimento da criatividade do aluno. Por outro lado, em alguns países como o Brasil, tal preocupação começou a surgir apenas há uma década, com poucos estudos realizados sobre esta questão.

Atentos ao reconhecimento da necessidade e importância do estímulo à criatividade na escola e a preocupação com a falta de incentivo existente fez com que diversos autores e pesquisadores, tais como Torrance (1995), Cropley (1997), Martinez (1997), Alencar (1995), Wechsler (1995), dentre inúmeros outros, propusessem modelos para tornar o ensino mais criativo. Muitas ações educativas foram experimentadas e aplicadas com êxito para ativar o processo de aprendizagem e o papel ativo do aluno, comprovando o sucesso dos

programas de estimulação e desenvolvimento da criatividade. Assim, os princípios do ensino problematizado, dos jogos profissionais, as simulações, as dinâmicas de grupo e outras inovações têm dia a dia uma maior aplicação na educação. O uso destas técnicas também pode contribuir para importantes mudanças de atitudes nos alunos em relação ao processo de apropriação e produção de conhecimentos, favorecendo um maior envolvimento pessoal e, conseqüentemente, o desenvolvimento de interesses e motivações fundamentais para a criatividade.

A mudança na percepção da escola e professores acerca da importância da criatividade poderia, em muito, melhorar a capacidade desta de favorecer o desenvolvimento do aluno, aumentando sua flexibilidade para adaptar-se às necessidades e permitindo que por meio do uso da criatividade este aluno possa compensar as diferenças sociais e culturais do meio em que vive, segundo Llantada (1997). Isto porque o oferecimento de um espaço, a escola, onde o mesmo possa sentir-se livre para pensar e criar acaba por implicar na melhora do rendimento escolar e na capacidade da escola para a formação de valores. Para isso, Briceño (1998) aponta a necessidade de implementação de inovações pedagógicas, que tanto dependem da qualidade profissional do professor quanto de um sistema adequado à cultura da comunidade. Os professores também devem ter em mente que os objetivos não podem ser exatamente os mesmos para todos os estudantes, considerando que os alunos são antes de tudo pessoas diferentes, com níveis diversificados de desenvolvimento motivacional e intelectual e diferentes interesses específicos. Dentro do possível, o professor deve trabalhar com estas diferenças, contribuindo para que cada aluno possa desenvolver-se ao máximo.

Partindo-se destes apontamentos da literatura, pode-se notar que diversos autores salientam a importância da conscientização dos professores acerca do papel que exercem junto aos alunos, da necessidade de serem facilitadores da aprendizagem e estimuladores do potencial criativo, possibilitando desfazer idéias errôneas a respeito da criatividade, alertando os mesmos acerca da importância de se promover a expressão da criatividade em sala de aula, estabelecendo desta forma uma atmosfera mais propícia à

produção e não apenas à reprodução do conhecimento, clarificando a função transformadora que eles, enquanto professores, podem exercer nesse contexto (WECHSLER, 2002). Conforme colocado por Fleith (2010), “apesar das inúmeras barreiras à criatividade identificadas no ambiente escolar, não é possível ignorar a grande influência da escola sobre o desenvolvimento do potencial criativo de alunos e professores” (p.34).

Como pudemos ver, a importância do professor no desenvolvimento da criatividade de seus alunos é inquestionável. Cabe a ele conceber, organizar e desenvolver o processo docente de forma tal que contribua para estimular a criatividade. Pode ainda criar o clima criativo que deve imperar na sala de aula para alcançar esse objetivo. Também o professor, utilizando as técnicas de que dispõe, pode ser habilitado a detectar as potencialidades criativas de seus alunos, ajudando-os a se expressarem em novos níveis de desenvolvimento (WECHSLER, 1998). Daí a importância de se investigar e identificar o conceito que possuem da criatividade para que tais dados possam servir, futuramente, de base para a elaboração de programas que visem a modificação dos padrões atuais de ensino.

Isto porque o momento atual está a exigir novas práticas de ensino, de forma que os educadores passem a assumir um papel de catalisadores do potencial criativo de cada aluno, o que certamente resultaria em melhor aproveitamento de talento e potencial humano no contexto educacional (ALENCAR, 2002), diferente do que vem ocorrendo em consequência das limitações que têm sido impostas ao desenvolvimento e expressão da criatividade no contexto escolar. O que se pode perceber é que a relação professor-aluno se traduz em um importante estímulo ao desenvolvimento destes no ambiente escolar, reforçando a importância e influência do professor no processo de formação de seus alunos. No entanto, uma questão levantada por Souza e Placco (2010) se faz presente: “por que razão o que se sabe sobre criatividade não chega às práticas dos docentes ou às atividades desenvolvidas no contexto escolar?” (p.126). A resposta poderá ser encontrada por meio de pesquisas que tenham como foco a verificação das concepções, mitos e práticas apresentadas pelos docentes.

Dado o exposto, o objetivo desta pesquisa foi trabalhar com um dos focos dessa mudança: o professor, visando investigar a concepção que esses profissionais possuem acerca da definição de criatividade, verificando a visão que possuem acerca da sua própria criatividade e questionando-os acerca da utilização ou não da criatividade na sala de aula.

## **MÉTODO**

### **Participantes**

Participaram do presente estudo 20 professores, sendo 10 professores de escola pública da cidade de João Pessoa / PB (8F e 2M, média de idade de 43 anos e de 18 anos de profissão) e 10 professores de escola pública da cidade de Campinas / SP (6F e 4M, média de idade de 34 anos e de 8 anos na profissão). Deste total, 14 eram professores do Ensino Fundamental e 6 do Ensino Médio.

### **Material**

Foi elaborado um questionário aberto, contendo três questões que deveriam ser respondidas pelos professores sem limite de tempo. As questões eram as seguintes:

- (1) “Na sua opinião o que é criatividade?”
- (2) “Você se considera criativo na vida pessoal? Por quê?”
- (3) “Utiliza a criatividade na sala de aula? Caso responda que sim, de que maneiras?”.

### **Procedimentos**

Os questionários foram deixados nas escolas sob responsabilidade da diretora, que ficou encarregada de entregar aos professores e recebê-los de volta, já respondidos. Após o prazo estabelecido a pesquisadora retornou aos estabelecimentos e recolheu os questionários que haviam sido entregues,

sendo importante destacar que não houve perda de questionários devido a ausência de resposta, de dados ou preenchimento incorreto.

As respostas foram analisadas pela pesquisadora e agrupadas, por similaridade de temática, fazendo uso da Análise de Conteúdo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira questão “Na sua opinião o que é criatividade?” buscou levantar a concepção que os professores possuíam sobre o construto. A importância de se conhecer a percepção e conceituação da criatividade entre docentes e alunos têm sido destacada na literatura científica brasileira, segundo Wechsler e Nakano (2010). De acordo com as autoras, “procura-se, dessa forma, obter informações sobre a importância da criatividade segundo diferentes olhares, ou seja, daquele que ensina e do que participa do processo de aprendizagem” (p. 14).

Os exemplos de respostas dos professores mostraram que para os profissionais investigados, as definições podem ser enquadradas em oito categorias, conforme pode ser visualizado na Tabela 1.

Tabela 1: *O que é a criatividade?*

Criatividade é...	Frequência	Porcentagem
Capacidade de criar coisas	7	31,9
Transformar o que já existe	5	22,8
Inovação	5	22,8
Processo dinâmico	1	4,5
Imaginação	1	4,5
Quebrar paradigmas	1	4,5
Improvisação	1	4,5
Solução de problemas	1	4,5
Total	22	100,0

Assim, criatividade para esses profissionais “é a capacidade que o indivíduo possui para criar algo novo ou transformar o que já existe”, “é a capacidade de criar, quebrando paradigmas”, “é estar proporcionando sempre algo novo e diferente”, “capacidade de solucionar problemas”, “é a inovação,



capacidade de criar coisas novas”. Estas definições nos mostram que, para este grupo de profissionais, a criatividade foi descrita estando relacionada à inovação, capacidade de criar algo novo, transformar o que já existe, atividades inovadoras, quebrar paradigmas imaginação, improvisação e solução de problemas. Resultados similares foram relatados por Oliveira e Alencar (2007) que, após consulta a professores do ensino superior, verificaram que suas definições se agrupavam em quatro categorias: criatividade como geradora do novo, criatividade como transformadora de algo, criatividade como atributo pessoal e criatividade como geradora de soluções.

Frente a estas descrições, pode ser verificado que o conhecimento sobre criatividade que os professores possuem não mostraram se diferenciar do conhecimento do senso-comum, segundo o qual a criatividade tem sido entendida como a criação de algo que não existia anteriormente, a partir da geração de algo novo, no sentido de relacionar criatividade, novidade e inovação. Necka e Kalwa (2001) exemplificam esta visão ao oferecerem uma definição de criatividade como sendo uma “característica individual que consiste na capacidade de produzir idéias novas e apropriadas” (p.136). Nesse sentido Beghetto e Kaufman (2007) ressaltam que a novidade e a significação das idéias não precisa ser original pode ser considerada comum para outras pessoas, mas nova e significativa para a pessoa. Os autores ainda ressaltam que, ao procurar maneiras de avaliar a criatividade em sala de aula, pesquisadores e educadores têm se sentido preocupados ou constrangidos dado o alto nível de exigência presente nas definições padronizadas sobre um produto criativo, vinculados geralmente à avaliação de produtos finalizados. Para eles, em vez de ser indevidamente penalizada, a avaliação da criatividade discente deveria considerar a ausência de tempo, conhecimento e experiências necessários para a contribuição genuinamente nova em uma área, de forma que a mesma poderia ser estudada em outro nível: do desenvolvimento de um entendimento sobre como os estudantes descobrem e aplicam novos conhecimentos e em que condições tais percepções podem desenvolver a criatividade.

Nesse mesmo sentido, Han (2010) salienta que o valor de um produto criativo nunca deve ser avaliado apenas tomando como base as avaliações de grupos externos de 'especialistas', mas sim ser conduzida considerando-se a perspectiva dos criadores. Somente a partir dos esforços para compreender a relação entre criatividade e o contexto social na qual ela ocorre poderá ser alcançada, provendo importantes informações sobre a situação em que a criatividade aparece e sobre as pessoas que participam dessa situação, de forma que o julgamento sobre a novidade e originalidade dependerá desses fatores.

Outra definição também presente na fala dos professores aponta a criatividade como resolução de problemas, capacidade de improvisação, capacidade de criar e transformar o ambiente, achar soluções para os problemas do dia a dia. Neste sentido, segundo Kneller (1971), uma observação deve ser feita em relação ao apontamento da criatividade como solução de problemas, visto que é óbvio que há certas soluções de problemas que são criativas, mas não seria adequado ver em toda criatividade um caso de solução de problemas visto que para ele “a novidade por si só não torna criador um ato ou idéia, a relevância também, porque consegue algo adequado a uma dada situação” (p.15). De nada adiantaria criar uma solução nova, que não responda à necessidade da situação imposta. Podemos pensar no caso de um professor que seja criativo em várias áreas mas que não saiba aplicar essa criatividade na escola, em seu trabalho. Se ele não souber utilizar essa novidade em seu método do ensino, pouco ou quase nada adiantará tamanha criatividade. Ela não trará benefícios para os alunos. De forma similar, Fleith (2000) salienta que a informação de como cultivar a criatividade na sala de aula parece limitada devido à ausência de conteúdos acerca da criatividade durante o processo de formação do professor ou ainda, em uma situação preocupante, “pesquisadores têm documentado que, muitas vezes, os professores possuem crenças e percepções negativas sobre a criatividade” (FLEITH, 2010, p.61).

De uma forma geral as respostas obtidas nos mostram que, embora venham sendo apontados na literatura como importantes agentes de estimulação à criatividade dos alunos, os professores não se encontram

preparados para assumir tal responsabilidade, seja devido à falta de conhecimento que poderia ter sido proporcionado tanto pelo currículo no momento da sua formação, quanto pela própria organização escolar, que poderia incluir um programa de treinamento para seu corpo docente. Entretanto sabemos que nenhuma das duas frentes têm sido aplicadas, de forma que a situação atual da escola no Brasil tende a ser mantida, sem que importantes reformulações no sentido de busca pela melhoria do ensino sejam estimuladas.

Em relação à segunda indagação: “Você se considera criativo na vida pessoal? Por quê?”, Kaufman (2010) ressalta que uma das formas mais simples e amplamente utilizadas para medir a criatividade das pessoas tem se constituído em pedir avaliações e opiniões sobre sua própria criatividade, de forma que a mesma foi utilizada na presente pesquisa. Entretanto, deve-se destacar que dificuldades em relação à consistência das auto-avaliações foram apontadas por Beghetto, Kaufman e Baxter (2011), visto que, segundo os autores, alguns pesquisadores têm apontado uma preocupação em relação à tendência das pessoas em subestimarem sua capacidade criativa nas auto-avaliações, situação que pode ser considerada particularmente problemática, principalmente quando, independente da capacidade real, as pessoas não acreditam que têm a capacidade. Assim, será menos provável que as mesmas se esforcem para tentar e finalmente, realizar o seu potencial, de maneira que a auto-avaliação acaba por estimular comportamentos de conformismo e passividade.

Situação diferente foi encontrada na pesquisa. Os resultados demonstraram que a maioria (90%) dos participantes respondeu afirmativamente à questão, avaliando-se como criativos na vida pessoal, sendo que somente dois (10%) responderam “dentro do padrão normal”, conforme pode ser visualizado na Tabela 2. As justificativas apontadas para essa avaliação são bastante diversificadas: “porque estou sempre procurando aprender na troca de experiências com outras pessoas”, “porque não sou adepta da mesmice do dia a dia”, “porque não é fácil diversificar atividades dentro da sala de aula”, “porque sobrevivo nessa selva de pedra, no dia a dia”, “porque sugiro idéias criativas em meu trabalho”, “porque com muita

criatividade consigo sobreviver com o salário de professora” e “não gosto de rotina e a criatividade me permite a novidade no dia a dia”.

Os resultados vão ao encontro daqueles relatados por Oliveira e Alencar (2007), dado que, dos 20 professores entrevistados, 14 (70%) se consideravam criativos, apresentando como justificativas o fato de estarem sempre buscando algo diferenciado para dinamizar sua aula, atrair a atenção dos alunos e motiva-los à participação. Cinco (25%) professores responderam que às vezes são criativos e apenas um professor não se considerava criativo. Nesse sentido deve ser ressaltado que uma auto-avaliação positiva, ou seja, o reconhecimento da própria criatividade, adquire importante valor visto que, tal fato ajuda-os a desenvolverem confiança em sua própria criatividade e capacidade de apoiar o desenvolvimento da criatividade dos jovens, conforme apontado por Fleith (2010).

Tabela 2 – Por que você se considera criativo?

Motivos apontados	Frequência	Porcentagem
Pela necessidade do dia a dia	6	26,1
Profissionalmente	4	17,4
Pela troca de experiências	3	13,1
Não gostar de rotina	2	8,7
Facilidade em resolver problemas	2	8,7
Busca o conhecimento	2	8,7
Economicamente	2	8,7
Desenvolvo meu raciocínio	1	4,3
Porque é uma capacidade de todo humano	1	4,3
Total	23	100,0

Pode-se ver que os argumentos mais utilizados pelos professores para justificar sua criatividade foram, em primeiro lugar, a necessidade de uso no dia a dia (26,1%) apontando uma avaliação na qual foi considerado primeiramente o aspecto pessoal, em segundo lugar, a necessidade exigida profissionalmente (17,4%), envolvendo sua atuação como professor e, em terceiro lugar, a troca de experiências (13,1%) como algo que proporcionou um ganho em criatividade. A importância da integração entre as duas esferas, pessoal e profissional, é ressaltada por Sterzi e Hernández (2010) ao afirmarem que “a criatividade reside justamente em conseguir criar dentro de cada desafio, do inesperado e do contexto vividos por cada um” (p.98). Outras respostas, menos

freqüentes, tais como “não gostar de rotina”, “ter facilidade em resolver problemas”, “busca pelo conhecimento”, “ser criativo por conseguir se adequar à realidade que vivo, criativo economicamente”, “porque a criatividade é uma capacidade humana” e “por desenvolver o raciocínio” também foram citadas.

Essa auto-avaliação positiva em relação à criatividade também foi relatada por Hamparian, Yamaguti, Machado, Garrido e Sakamoto (2003) ao investigarem 124 estudantes de Psicologia. Os pesquisadores verificaram que a maioria dos participantes avaliou de forma positiva a sua própria criatividade, considerando-se criativos. Este fato dos indivíduos acreditarem em si mesmo e em seu potencial contribui para o estímulo à criatividade na escola na medida em que, de acordo com Santeiro, Santeiro e Andrade (2004) parece plausível supor que o aluno sintam-se mais seguro quanto ao seu potencial criador diante de um professor que se mostre bem preparado, desejando e buscando o crescimento.

No entanto, a literatura aponta que estes profissionais sentem-se muitas vezes não valorizados pela instituição, tendo também a sua própria criatividade deixada de lado, fato apontado na presente pesquisa por três professores ao salientarem que na medida do possível se consideram criativos, principalmente se forem considerar o baixo salário e as condições de trabalho que são oferecidas. Concordando com estes dados, pesquisa de Alencar e Fleith (2003) buscou investigar a visão oposta à expressão da criatividade, ou seja, as barreiras que a impedem, junto a 544 professores. O fator falta de tempo e oportunidade foi apontado como mais freqüente, referindo-se a condições externas ao indivíduo, tais como falta de reconhecimento do trabalho criativo e falta de oportunidades para colocar em prática a criatividade, pontos também apontados pelos professores investigados. Nesse sentido atenção deve ser dada às discrepâncias encontradas nas auto-avaliações de professores e a avaliação que recebem de seus alunos (WECHSLER & NAKANO, 2010).

Patto (1986) e Khouri (1984) apontam para professores mal preparados, desmotivados frente ao insucesso do aluno e às condições salariais institucionais que se encontra em seu trabalho. Estes fatores, de acordo com Alencar e Martinez (1998) atuam como barreiras à expressão da criatividade,

visto que, segundo estas autoras “o desenvolvimento da criatividade na educação passa necessariamente pelo nível de criatividade dos profissionais que nela atuam. Conhecer as barreiras que enfrentam constitui uma condição necessária para superá-las” (p. 31).

Tal percepção somente reforça a importância dos programas de treinamento e estimulação da criatividade junto aos professores, visto que Alencar, Fleith e Rodrigues (1990) apontaram que tais programas proporcionaram aos professores acréscimos de novos conhecimentos, ampliação da realização de atividades práticas, troca de experiências com os colegas e incentivo à própria criatividade. No entanto, não podemos deixar de considerar que, para se estabelecer condições favoráveis à criação de um clima criativo na escola, são necessários além do trabalho junto aos professores, mais recursos, equipamentos e materiais pedagógicos, além de orientação. Condições explicitadas na fala de Alencar e Fleith (2004): “tanto a natureza do conteúdo a ser ministrado, quanto o número de alunos em sala de aula, o grau de motivação e esforço dos professores, têm influência na dinâmica em sala de aula” (p.108). Opinião similar é fornecida por Souza e Placco (2010), ao afirmarem que a educação escolar passa por grandes dificuldades, originadas do pouco sucesso na promoção do desenvolvimento e da aprendizagem, de conflitos entre atores internos e externos à escola, de condições de trabalho que algumas vezes adoecem os docentes, de forma que “retomar a questão da criatividade como caminho de superação a essas questões parece fazer sentido” (p.126).

Por fim, a terceira pergunta “Utiliza a criatividade na sala de aula? Caso responda que sim, de que maneiras?” nos mostrou que, de uma forma geral, o professor considera que utiliza a criatividade na sala de aula, visto que 16 deles (80%) responderam afirmativamente, um (10%) respondeu “na maioria das vezes” (10%) e outro, “sempre que possível” (10%). Tal constatação pode nos levar a duas hipóteses: ou o professor realmente está se conscientizando acerca da sua importância e influência enquanto modelo ou as respostas refletem na verdade a vontade que eles possuem de serem mais criativos em sala de aula, apontando uma atuação que seria ideal. Novamente nos

reportamos à literatura para afirmar a existência de professores conscientes das características de sala de aula que estimulam a criatividade dos alunos, sendo que, no entanto, a transferência para a prática parece ser intuitiva, de acordo com Fleith (2000).

Ao serem questionados acerca das maneiras que utilizam essa criatividade na sala de aula, alguns exemplos de respostas encontradas foram: “procurando desenvolver dinâmicas que atraiam os alunos”, “trabalhando em interação com outras disciplinas”, “através de dinâmicas, música, recorte e colagem, material reciclável”, “através da troca de experiência com os alunos”, “através de resolução de problemas, jogos e brincadeiras”, analisadas na Tabela 3:

Tabela 3: Como utiliza a criatividade na sala de aula?

Formas / recursos utilizados	Frequência	Porcentagem
Uso de materiais diversificados	8	30,8
Buscando inovar nas atividades	5	19,3
Dinâmicas de grupo	4	15,5
Usando a espontaneidade	3	11,6
Troca de experiência com os alunos	1	3,8
Propondo resolução de problemas	1	3,8
Integração com outras disciplinas	1	3,8
Atividades em grupo	1	3,8
Discutindo problemas do cotidiano	1	3,8
Propondo análises sob diferentes pontos de	1	3,8
Total	26	100,0

A Tabela mostra que os professores buscam trazer a criatividade para a sala de aula por meio do uso de materiais diversificados (30,8%), buscando inovação nas atividades (19,3%), uso de dinâmicas de grupo (15,5%) e espontaneidade (11,6%). Outros recursos utilizados são a troca de experiência com os alunos, resolução de problemas, atividades em grupo, adequação ao cotidiano e estímulo a diferentes pontos de vista.

Os resultados convergem, em sua maior parte, com os dados apresentados por Oliveira e Alencar (2007) que, ao investigarem o conhecimento de professores sobre técnica ou procedimento específico para

desenvolver o potencial criativo, verificaram que a maior parte (90%) informou desconhecimento, embora tenham apontado procedimentos que utilizavam durante as aulas, os quais consideravam estimuladores da criatividade dos alunos: divisão dos alunos por habilidades e competências, produção diversificada, utilização de diálogo, leitura, experiências em sala de aula, diálogo, discussões, seminários, questionamentos, estudo de caso, trabalhos em grupo, elaboração de jornal e poesias, além de montagem de grupos diferenciados (musical, teatral).

Vários desses recursos também foram citados por Alencar (2010) como resultado de pesquisas que tiveram como foco a investigação das práticas pedagógicas de professores criativos. Segundo a autora, alunos apontam com maior frequência a utilização de discussão e debates, atividade orientada para a prática e apresentação de trabalhos como práticas que estimulam a criatividade em sala de aula. Por outro lado, aulas expositivas centradas na reprodução do conhecimento, didática pouco estimulante, conteúdo apresentado de forma mecânica e aulas expositivas e monótonas também foram citados como práticas pedagógicas de professores inibidores da criatividade, as quais parecem ter sido evitadas pelos professores consultados na presente pesquisa.

Tais metodologias, como o ensino problematizado, os jogos profissionais, as simulações, as dinâmicas de grupo e outras inovações de acordo com Martinez (1997) mostraram ter, cada vez mais, uma maior aplicação na educação, visto que “contribuem para o desenvolvimento da criatividade, porque ativam o processo de apropriação de conhecimentos e habilidades, bem como o incremento de capacidades cognitivas diversas, especialmente aquelas de tipo criativo” (p.169).

Outras respostas, relacionadas à personalidade do professor foram apontadas: usando de espontaneidade, ouvindo os alunos, buscando aprender com os mesmos e buscando integração entre as disciplinas. Este envolvimento e aproximação com os alunos foram apontados pela literatura como comportamentos típicos do professor facilitador do desenvolvimento e expressão das habilidades criativas, através da valorização da pessoa do aluno



(ALENCAR, 1997, 2002, 2010; ALENCAR & FLEITH, 2004; SANTEIRO, SANTEIRO & ANDRADE, 2004; WECHSLER, 1998). E embora não sejam abundantes os trabalhos que procuram explorar especificamente o papel da personalidade do professor no estabelecimento de um clima criativo na sala de aula, é indiscutível que os recursos de personalidade que possui influirão em sua ação como sujeito da relação interativa com os alunos, justificando a necessidade de treinamento e desenvolvimento da sua própria criatividade (MARTINEZ, 1997). A fala de Cury (2003) ilustra bem essa importância: “Bons professores têm uma boa cultura acadêmica e transmitem com segurança e eloquência as informações em sala de aula. Professores fascinantes procuram conhecer o funcionamento da mente dos alunos para educar melhor. Para eles, cada aluno não é mais um número na sala de aula, mas um ser humano complexo, com necessidades peculiares” (p.58).

Entretanto, não se pode deixar de considerar que, para que haja o implemento à criatividade na sala de aula, torna-se necessária a existência de condições de apoio a esse professor, de forma que uma prática inovadora deve ser, não só tolerada, mas também incentivada e sancionada pela direção escolar, conforme salientado por Hayes (2004). Essa mesma preocupação é apresentada por Oliveira e Alencar (2007) após levantamento das barreiras que impedem professores de usar a criatividade em sala de aula, dado os argumentos utilizados pelos mesmos: a diversificação das estratégias em sala de aula eram, muitas vezes, vista de forma negativa pelos alunos (que esperavam por teoria e encaravam tais práticas como “enrolação”), aliada à pouca predisposição dos alunos à leitura, o que impedia a realização de trabalhos mais criativos. Foram também realçados fatores ligados à instituição, sobretudo rigidez no cumprimento da grade curricular e falta de material, assim como a resistência dos colegas de profissão (os quais viam práticas diferenciadas como “mais trabalho”, resistindo a elas e desestimulando os demais). Nesse sentido, Hayes (2004) chama a atenção para o fato de que os professores podem não vir a ser constantemente inovadores e criativos, dada a necessidade de que os mesmos sejam convencidos de que a capacidade de ser criativo está ao alcance de cada praticante, mas que, com perseverança,

tempo e compromisso com o processo, os benefícios, para alunos e professores, justificam o esforço.

### **Considerações finais**

Partindo-se destes apontamentos da literatura, pode-se notar que a maior parte dos estudos que vem sendo desenvolvidos no ambiente educacional salientam a importância da conscientização dos professores e futuros professores do papel que exercem junto aos alunos, da necessidade de serem facilitadores e estimuladores de um clima em sala de aula favorável à aprendizagem, assim como do potencial presente em cada aluno, de forma a estabelecer um ambiente mais propício à produção e não apenas à reprodução do conhecimento.

Ao verificar que os professores questionados se consideram criativos, uma hipótese pôde ser levantada. De acordo com Alencar (2002), “se o indivíduo se percebe e se avalia como competente, capaz e criativo, é mais propenso a correr riscos, a sentir-se mais confiante para expressar idéias e exibir comportamento criativo” (p. 202). Assim, pode-se supor que a avaliação positiva de seu nível de criatividade possa estar se refletindo no seu desempenho enquanto profissional. Se esta hipótese estiver correta, o que somente outros estudos poderão dizer, com ampliação da amostra e representatividade dos participantes, um grande ganho estará sendo alcançado na educação brasileira.

No entanto, embora venha sendo destacado, cada vez mais, entre educadores de diversos países, a percepção de que o desenvolvimento da criatividade constitui-se hoje como um dos objetivos educacionais de maior importância, sabemos que pouco estímulo tem sido dado à essa habilidade, dada a continuidade da difusão da idéia de que esta está restrita às aulas de educação artística. Assim, cabe à Psicologia continuar os trabalhos que vem sendo feitos no sentido de alterar a percepção que escolas e professores possuem acerca do aluno criativo (desencorajado e muitas vezes punido por

seus comportamentos de curiosidade, espontaneidade e questionamento), estimulando a criação de condições favoráveis ao desenvolvimento do potencial de cada aluno.

Como limitação do estudo deve ser salientado o número pequeno de professores que compuseram a amostra, de forma que novos estudos envolvendo professores de distintos níveis educacionais e de distintas regiões do país são recomendados, os quais poderão fornecer dados mais consistentes acerca da visão de criatividade que tem sido transmitida no ambiente escolar.

## Referências

ALENCAR, E.M.L.S. Criatividade. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.

ALENCAR, E.M.L.S. O estímulo à criatividade no contexto universitário. Psicologia Escolar e Educacional, vol.1, no. 2, p. 29-37, 1997.

ALENCAR, E.M.L.S. O contexto educacional e sua influência na criatividade. Linhas Críticas, vol. 8, no.15, p.165-205, 2002.

ALENCAR, E.M.L.S. Criatividade na educação superior na perspectiva de estudantes e professores. In: S.M. WECHSLER & T.C. NAKANO. Criatividade no ensino superior: uma perspectiva internacional (pp.180-201). São Paulo: Vetor, 2011.

ALENCAR, E.M.L.S.; FLEITH, D.S. Barreiras à criatividade pessoal entre professores de distintos níveis de ensino. Psicologia Reflexão e Crítica, vol.16, no.1, p.63-69, 2003.

ALENCAR, E.M.L.S & FLEITH, D.S. Inventário de práticas docentes que favorecem a criatividade no ensino superior. Psicologia Reflexão e Crítica, vol.17, no.1, p.105-110, 2004.

ALENCAR, E.M.L.S, FLEITH, D.S.; RODRIGUES, A.M. Avaliação a médio prazo de um programa de treinamento de criatividade para professores do ensino do primeiro grau. Estudos de Psicologia, vol.7, no.1, p.79-97, 1990.

ALENCAR, E.M.L.S.; MARTINEZ, A.M. Barreiras à expressão da criatividade entre profissionais brasileiros, cubanos e portugueses. Psicologia Escolar e Educacional, vol.2, no. 1, p.23-32, 1998.

ALENCAR, E.M.L.S.; RODRIGUES, C.J.S. Relação entre o tempo de ensino, localidade da escola e características comportamentais consideradas desejáveis e indesejáveis por professores do ensino de primeiro grau. Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, vol.30, no.3, p.75-93, 1978.

AMABILE, T.M. The social psychology of creativity. New York: Springer-Verlag, 1983

BEGHETTO, R.A.; KAUFMAN, J.C. Toward a broader conception of creativity: A case for “mini-c” creativity. Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts, vol.1, no.2, p.73–79, 2007.

BEGHETTO, R. A., KAUFMAN, J. C.; BAXTER, J. Answering the unexpected questions: Exploring the relationship between students' creative self-efficacy and teacher ratings of creativity. Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts, vol.5, no.1, p.1-8, 2011.

BRICEÑO, E.D. La creatividad como un valor dentro del proceso educativo. Psicología Escolar e Educacional, vol.2, no.1, p.43-51, 1998.

CROPLEY, A.J. Fostering creativity in the classroom: general principles. In M. A. RUNCO. The creativity research handbook (pp. 83-114). New Jersey: Hampton Press, 1997.

CROPLEY, A.J. Education. In: M.A. RUNCO, M.A. & S.R. PRITZKER. Encyclopedia of Creativity (pp.629-642). United States: Academic Press, 1999.

CURY, A. Pais brilhantes, professores fascinantes. São Paulo: Ed. Sextante, 2003.

FLEITH, D.S. Teacher and student perceptions of creativity in the classroom environment. Roeper Review, vol. 22, p.148-153, 2000.

FLEITH, D.S. Desenvolvimento da criatividade na educação fundamental: teoria, pesquisa e prática. In: S.M. WECHSLER & V.L.T. SOUZA (Orgs.). Criatividade e aprendizagem: caminhos e descobertas em perspectiva internacional (pp.33-52). São Paulo: Loyola, 2010.

FLEITH, D.S.; ALENCAR, E.M.L.S. Efeitos de um programa de treinamento de criatividade em estudantes normalistas. Estudos de Psicologia, vol.9, no.2, p.09-38, 1992.

FLEITH, D.S.; ALENCAR, E.M.L.S. Escala sobre o clima para criatividade em sala de aula. Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol.21, no.1, p.85-91, 2005.

HAMPARIAN, C.G., YAMAGUTI, C.A., MACHADO, I.C., GARRIDO, R.C.; SAKAMOTO, C.K. Pesquisa sobre criatividade com estudantes de psicologia. Boletim de Iniciação Científica em Psicologia, 4 (1), 93-106, 2003.

HAN M. How can creativity in a social context be possible?. Culture Psychology, vol. 16, p.165-173, 2010.

HAYES, D. Understanding creativity and its implications for schools. Improving Schools, vol. 7, p.279-286, 2004.

KAUFMAN, J.C. Using creativity to reduce ethnic bias in college admissions. Review of General Psychology, vol.14, no.3, p.189–203, 2010.

KHOURI, Y.G. Psicologia Escolar. São Paulo: Pedagógica, 1984.

KNELLER, G.F. (1971). Arte e ciência da criatividade. São Paulo: Ibrasa, 1971.

LLANTADA, M.M. Creatividad y calidad educacional. Psico-USF, vol. 2, no.2, p.13-29, 1997.

MARTINEZ, A.M. Comportamiento humano: nuevos métodos de investigación. Madrid: Editorial Escuela Española, 1994.

MARTINEZ, A.M. Criatividade, personalidade e educação. Campinas: Papyrus, 1997.

MORAIS, M.F.; AZEVEDO, I. Escutando professores portugueses acerca da criatividade: alguns resultados e reflexões sobre a sua formação. In: S.M. WECHSLER & T.C. NAKANO. Criatividade no ensino superior: uma perspectiva internacional (pp. 140-179). São Paulo: Vetor, 2011.

NAKANO, T.C. Investigando a criatividade junto a professores: pesquisas brasileiras. Psicologia Escolar e Educacional, vol.13, no.1, p. 45-53, 2009.

NECKA, E.; KALWA, A. Criatividade, aprendizagem implícita e profundidade de processamento. Psicologia: teoria, investigação e prática, vol.6, no.1, p.135-147, 2001.

OLIVEIRA, Z.M.F.; ALENCAR, E.M.L.S. Criatividade na formação e atuação do professor do curso de letras. Psicologia Escolar e Educacional, vol.11, no.2, p. 223-237, 2007.

PATTO, M.H.S. Introdução à Psicologia Escolar. São Paulo: Quirós, 1986.

SANTEIRO, T.V.; SANTEIRO, F.R.M.; ANDRADE, I.R. Professor facilitador e inibidor da criatividade segundo universitários. Psicologia em Estudo, vol.9, no.1, p.95-102, 2004.

SOUZA, V.L.T.; PLACCO, V.M.N. Arte e formação de professores: aportes ao desenvolvimento de práticas criativas nas escolas. In: S.M. WECHSLER & V.L.T. SOUZA (Orgs.). Criatividade e aprendizagem: caminhos e descobertas em perspectiva internacional (pp.125-148). São Paulo: Loyola, 2010.

STERZI, F.; HERNÁNDEZ, F. Alternativas de atuação na educação: um caminho para a criatividade. In: S.M. Wechsler & V.L.T. Souza (Orgs.). Criatividade e aprendizagem: caminhos e descobertas em perspectiva internacional (pp.73-102). São Paulo: Loyola, 2010.

TORRANCE, E.P. Why fly? A philosophy of creativity. New Jersey: Ablex, 1995.

WECHSLER, S.M. O desenvolvimento da criatividade na escola: possibilidades e implicações. Estudos de Psicologia, vol.12, no.1, p.81-86, 1995.

WECHSLER, S.M. Criatividade: descobrindo e encorajando. São Paulo: Editora Psy, 1998.

WECHSLER, S.M. Criatividade e desempenho escolar: uma síntese necessária. Linhas Críticas, vol.8, no.15, p.179-187, 2002.

WECHSLER, S.M.; NAKANO, T.C. Criatividade: encontrando soluções para os desafios educacionais. In: S.M. WECHSLER & V.L.T. SOUZA (Orgs.). Criatividade e aprendizagem: caminhos e descobertas em perspectiva internacional (pp.11-32). São Paulo: Loyola, 2010.